



Lindomar
da Silva

ACHADOS E PERDIDOS

Biblioteca
Paraná 



Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner

Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

Omar Godoy

Jurados | Infantil

Juarez Poletto

Marta Moraes da Costa

Preparação editorial

João Lucas Dusi

Revisão

Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação

Thapcom.com

Ilustrações e capas

Cantalupo

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Silva, Lindomar da

Achados e perdidos [livro eletrônico]/ Lindomar da Silva;
ilustração de Benett. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do
Paraná, 2020.

54 p. : il. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria infantil”

ISBN 978-65-89223-04-7 (e-book)

PDF

1. Literatura intantojuvenil. I. Biblioteca Pública do Paraná.
II. Benett. Título.

CDD (22ª ed.)
028.5

ACHADOS E PERDIDOS

Lindomar da Silva

Ganhar ou perder faz parte do jogo. Pode até dar empate, mas isso também faz parte da partida e da jornada da vida. Você conhece alguém que nunca perdeu nada nem ninguém? Desconfio de que não conheça. De repente, esse alguém é você. Aposto que já perdeu um brinquedo, outra coisa qualquer, uma pessoa conhecida, ou um bicho. Você também deve ter encontrado por aí, pelas idas e vindas da vida, coisas de valor inestimável, pessoas queridas, ou bichos que se tornaram de estimação. O jogo da vida é assim, nem sempre a gente perde, a gente também acha. E cada um carrega os achados e perdidos pela vida afora, adentro, afundo. Sempre vida.



Quando se perde alguma coisa, quem disse que é fácil de encontrar? A depender do que se perde, e onde se perde, nunca mais se encontra por mais que procure. Já imaginou encontrar uma agulha no palheiro? “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, já escreveu o poeta. E mesmo assim tem gente que não aprende. “Aprender dói”, disse papai, papagaiando pela casa. “Aprende que dói menos”, respondeu mamãe, caminhando na mesma direção. Prefiro aprender com alegria, pensei comigo mesmo, mudando o rumo da prosa. A lição já sabemos de cor, mas praticar que é bom são outros quinhentos. Falo isso de cadeira, mas agora estou de pé, revirando caixas e gavetas de ponta-cabeça. “Um dia, coloco todas as contas no débito automático”, prometeu papai entre papéis. Esse dia ainda não chegou e nem sei se vai chegar, vou logo avisando. Toda vez que acontece, e acontece quase sempre — até perdi a conta —, é um deus nos acuda. Ele perde a cabeça, o rumo e o prumo. E nós também. Procuramos daqui, procuramos dali; mamãe procura de lá, e, se ninguém encontrar, o jeito é pedir a segunda via e pagar logo, para não correr o risco de perder de novo. “Se não aprende no amor, aprende na dor, com juro e correções monetárias”, alfinetou vovô, na cadeira de balanço, vendo as coisas de pernas para o ar. Juro que não vou puxar a papai nessa coisa de perder as contas. Será que vou dar conta? Mas, em muitas outras coisas, quero ser igualzinho a papai, sem tirar nem pôr. Por exemplo? O

jeito educado e carinhoso com que ele trata as pessoas. Até quando chama minha atenção, papai é amoroso comigo. “Corrigir os filhos como se deve é dever dos pais”, sempre me lembram papai e mamãe. E olha que tem pais que não sabem corrigir os filhos. Eles esquecem que os filhos crescem e, aí, pode ser tarde demais. “É de pequenino que se entorta o pepino”, disse vovô, lembrando o velho tempo de menino. Eu tenho um amigo de escola que vive uma realidade muito diferente da minha. Ele conta que os pais dele vivem brigando, que nem gato e cachorro. Trocam mais tapas do que beijos. Há gatos e cachorros que se dão muito bem e até brincam juntos, eu brinco com meu amigo, sem medo de arranhões. “Crianças são mentes absorventes, absorvem tudo”, explicou mamãe. O meu amigo me falou que, se continuar do jeito que sempre foi, vai fugir de casa. Vai morar na rua e levar vida de cachorro abandonado. “Se eles não se separam, já que não se entendem, eu me entendo e me separo deles”, já me disse com os olhos rasos de água. Em momentos como esses, eu também sinto uma tristeza danada e fico torcendo para que haja um final feliz. Há de haver uma saída, eu tenho esperança. “Há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e frutos”, cantarolou vovó, rodeada de retalhos coloridos. Um dia, vou dizer ao meu amigo que, às vezes, são os filhos que educam os pais numa espécie de reedição do afeto. Eu não desisto nunca. Aprendi com os meus pais, que aprenderam com meus avós, que aprenderam com meus bisavôs,

que aprenderam com os meus tataravôs, que aprenderam não sei com quem mais. Quem sabe um dia, mais cedo ou mais tarde, e nunca tarde demais, meu amigo aprende comigo?



Aprendi com papai que com contas a pagar é assim, se você perde uma, dá-se um jeito, pede-se a segunda via e fica tudo resolvido, se não perder de novo, é claro. Será que existe uma terceira via? Mas uma coisa eu sei, há coisas que, se a gente perde a única via, é comprar outra, ou aprender a ficar sem pelo resto da vida. “O mundo não para de girar porque você perdeu alguma coisa, ou alguém especial, e está triste”, disse vovô, espiando o tempo. “Ainda bem que não para, porque assim a gente entende que não é o centro do universo”, completou papai. Eu perdi a conta de quantos guarda-chuvas já perdi. Se eu pudesse encontrar todos, me tornaria um colecionador de guarda-chuvas, essa pequena barraca ambulante. E olha que nem gosto de colecionar. Prefiro acompanhar as mudanças do tempo que muda o tempo todo. E o tempo não para, não importa o contratempo. Se faz chuva, usa-se guarda-chuva, se faz sol, usa-se guarda-sol. “Se for sol e chuva é casamento da viúva; se for chuva e sol é casamento de espanhol”, comentou vovó, sentada na cadeira de balanço no habilidoso trabalho das mãos artesãs. E como a chuva e o sol vêm e vão, e a gente vai e vem, tem sempre alguém que acaba esquecendo onde deixa, aberto para secar, ou fechado para usar, se preciso for. Se for noite e chover, é guarda-chuva aberto. Se for dia quente e ensolarado, é guarda-sol na mão. O que muda o tempo todo é o tempo. “As pessoas têm medo das mudanças. Eu tenho medo que as coisas nunca mudem”, declamou mamãe os versos do poeta, com a bolsa

APRENDER



DÓI

a tiracolo pronta para o trabalho. Dizem que em bolsa de mulher tem de tudo um pouco e um pouco mais, até sombrinha em dias de céu de brigadeiro. Brigadeiro é o meu doce preferido, confesso com água na boca. Mas gosto de tudo que é doce. E há pessoas que são doces e adoçam nossa vida. Um dia, perdi outro guarda-chuva e só me lembrei dele quando a chuva começou a chover. E aí já era tarde demais, mas na verdade nem meio-dia era ainda. A chuva me pegou no meio do caminho de volta para casa e o jeito foi me molhar da cabeça aos pés. Eu andei na chuva sem medo algum de me molhar. Meu amigo, nesse dia, não foi à aula. Disse que tinha médico e que não podia perder a consulta. Andar na chuva meninando foi a coisa mais gostosa que me aconteceu. Desconfio que, quando criança, a gente gosta de brincar com a chuva. Depois que cresce, a gente se esconde dela. O que muda é a chuva, ou somos nós que mudamos? Se as pessoas se arriscassem mais — andar na chuva, ou ver o sol se pôr, por exemplo —, elas seriam mais leves e felizes. “Devia ter arriscado mais e até errado mais, ter feito o que eu queria fazer”, assoviou papai, com o rádio ligado. Quando chove, vovó me proíbe de brincar na chuva por medo de eu apanhar um resfriado e constipar. Vovó é das antigamente. Mas basta vovó virar as costas que saio correndo pelo terreiro com os pingos de chuva, na desobediência inocente de quem quer viver a vida do jeito que ela é. E como é a vida, você sabe? “A vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que

ela quer da gente é coragem”, declamou vovô os ensinamentos do poeta. Pela minha pouca experiência, confesso que quase nada sei, mas a curiosidade que me move, me ensina que é preciso saber viver, faça chuva ou faça sol, ou os dois juntos colorindo o horizonte. Um dia, entro num arco-íris e descubro o que tem dentro dele. Dizem que arco-íris tem sete cores, mas desconfio que tem mais, muito mais. Você já parou para saber onde começa uma cor e termina outra? Aposto que também não. “A beleza do arco-íris está na diferença das cores, igual à beleza de uma colcha de retalhos”, comparou vovó, com agulha e linha entre dedos e dedais. Meu melhor amigo vive de cara fechada e seus dias interiores são quase sempre cinzentos e carregados. “Se o seu amigo fica nesse chove nem molha, a gente fica sem saber se abre o guarda-chuva, ou se abre os braços para um abraço”, brincou papai, me dando aquele abraço apertado. Eu senti dentro de mim que o melhor lugar do mundo é dentro de um abraço. Um dia, vou esconder o guarda-chuva do meu amigo só para ele se molhar de chuva, nem que seja sem querer. Saber o que se quer não é tarefa fácil. Às vezes, e nem se sabe quantas vezes, é preciso de uma mão amiga para nos ajudar a sair do fundo do poço e enxergar a luz que há de haver no fim do túnel, se túnel houver nessa longa estrada da vida. E, nessas horas, outros olhos nos ajudam a enxergar melhor as cores da vida. “O seu olhar melhora o meu”, cantarolou mamãe, chegando do trabalho com a bolsa a tiracolo.

Um dia cheguei em casa com uma bola de futebol. A bola estava jogada no canto da rua, rente ao meio-fio do passeio. Quantas pessoas já haviam passado por ela e nem dado bola!? A bola não era nova, mas também não era velha. E se não era uma bola bonita, de encher os olhos, também não era uma bola feia, tipo bola murcha. Bola é bola e pronto, bola pra frente. Quando me viu com a bola na mão, mamãe foi logo querendo saber o que significava aquilo. Significa uma bola, respondi, jogando a bola no chão. Se a bola quicou não me lembro. Só sei que mamãe arregalou ainda mais os olhos e pediu explicações. Quando eu disse que tinha encontrado a bola jogada na rua, ela pediu detalhes. E eu dei todos, tim-tim por tim-tim. E por último arrematei, segurando a bola novamente, que achado não é roubado. “Não devolver o objeto achado é errado de qualquer maneira”, emendou vovó, costurando mais um ponto no outro e de olho na conversa. A emenda ficou pior que o soneto, pensei com meus botões. Desconfiei que mamãe ficou com medo de eu ter pego a bola de alguém. Ela não me disse isso, talvez nem suspeitou. Toda mãe conhece o filho que tem, ou que nunca teve. Confesso que esperei pelo dono da bola por um bom tempo. Olhei para um lado e para o outro da rua, e como não vi uma triste alma, fiquei com ela para mim. Talvez, a bola tenha sido deixada na calçada de propósito, na esperança de que alguém ficasse com ela. Há brinquedos que não nos servem mais, feito roupas e sapatos depois que a gente



cresce. Quando minhas roupas e sapatos não me servem mais, e ainda estão em condições de uso, mamãe doa. “Eu sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele o oceano seria menor”, disse mamãe, repetindo os ensinamentos da Madre Teresa de Calcutá. Outro dia, saí com a bola e fui brincar na rua de casa com o meu amigo de escola. Aquele que já pensou em fugir de casa por causa das brigas dos pais dele e dos maus-tratos que recebe. Esse meu amigo, quando está com uma bola nos pés, perde a cabeça. Ele fala que quando crescer vai ser jogador de futebol. Quer jogar na seleção brasileira e ser campeão do mundo. “Sonhar não custa nada, e somos do tamanho dos nossos sonhos”, disse papai. Eu brinco só por diversão e nem bom de bola sou, reconheço. Na minha escola, ninguém me escolhe para entrar no time de futebol. Sou o último a ser escolhido. Os últimos serão os primeiros se a fila inverter, penso comigo na solidão do pensamento. Por mim, tudo bem, mas a minha professora não deixa ninguém ficar de fora dos jogos e brincadeiras. “Ninguém é igual a ninguém, ainda bem”, nos ensina diariamente, de olho no lance e fazendo valer a diferença. Entretidos com a bola nos pés, perdemos a hora. Os pais do meu amigo brigaram com ele na minha frente. Perderam a cabeça. O coitado do menino não teve nem tempo de abrir a boca para se defender. E não adiantou eu dizer que a gente não estava fazendo nada de errado na rua, nem matando, nem roubando, nem mendigando. “Diga-me com quem andas e eu te direi

quem és”, gritaram os dois, me colocando para escanteio e embaralhando minhas ideias. Estávamos apenas brincando de bola e as horas passaram voando, voando, voando, continuei dizendo mesmo assim, todo sem graça, respirando ofegante e sentado no meio-fio da calçada. É isso mesmo, quando estamos fazendo coisas agradáveis, o tempo voa como se tivesse asas para voar. Quando os momentos não são bons, ele passa pesado, quase parando. O tempo por onde passa deixa rastros. Numa explosão de sentimentos, dei um chute na bola para bem longe e bem alto, um bicudo mesmo. O meu amigo também já não estava mais por perto. Os três desapareceram na esquina, reapareceram mais adiante e tornaram a sumir, a caminho de casa. E lá se foi ele, de cabeça baixa e com os ouvidos cheios de blá-blá-blá. Coitado, deve ter levado chutes e pontapés por todos os lados, que nem a bola que estávamos brincando. Bola também tem lado?

O dia que fiquei sem um dente não me esqueço jamais. Relaxa, não briguei com ninguém. Nem bom de briga sou. Eu vejo nisso uma qualidade pessoal e não um defeito, é assim que penso. Eu não levei soco na boca, não caí de bicicleta, nem tropecei numa pedra no meio do caminho. “No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho”, já disse o poeta itabirano. O nome Itabira tem sua origem na língua tupi e significa “pedra que brilha”, aprendi na escola nas aulas de Literatura. Com brilho nos olhos, mamãe me disse que era mais uma janelinha que se abriu em minha vida. A vida é mesmo a casa do tempo, tem portas e janelas que se abrem e se fecham o tempo todo ao sabor do vento e dos acontecimentos. Com dentes de leite é assim, cai um, nasce outro no lugar, ou fora do lugar. Nem sempre a vida segue alinhada. “É como a segunda via de uma conta”, disse papai, advogando em causa própria. Naquele mesmo dia, mamãe me contou a história da fada do dente. Ela me fez recordar que, quando meu primeiro dente de leite ficou mole — naquele balanço, mas não caiu —, eu quase morri de medo de perdê-lo e meus colegas de escola riram da minha cara. Você sabe muito bem como somos. Não perdoamos nada, nem ninguém. Tudo é motivo de zação, de chacota, de deboche, e imaginação não nos falta. Você já parou para contar a infinidade de apelidos maldosos que colocamos nos outros? Tudo o que o outro tem de diferente é motivo de gozação. A gente nem se importa se o

outro está gostando ou não. Na verdade, se estiver gostando, ou nem ligando, não tem graça nenhuma. A graça é justamente deixar o outro daquele jeito, desajeitado, sem graça e se sentindo a pior pessoa do mundo. O nome desse crime é bullying. Ou você ainda não sabe que isso é crime? O crime consiste em intimidar, constranger, ofender, castigar, ridicularizar ou expor alguém a sofrimento físico ou moral, de forma reiterada, aprendi na escola e em casa. Mas, quando soube que existia uma fadinha, logo coloquei o meu dente de leite debaixo do travesseiro. Se encontrei a moeda no dia seguinte, não me lembro mais. E isso não muda em nada a beleza do encanto dos contos de fadas. Tempos depois, fiquei sabendo que mamãe guardou o primeiro dente de leite que perdi muito bem guardado. Foi quando entendi que a fada madrinha do conto de fadas era mamãe. Ela disse que guardou o meu dente de leite para me mostrar depois que eu ficasse grande. “A gente cresce para fora até certo tempo, depois, com o passar silencioso do tempo, a gente cresce de outro modo”, disse vovô, fechando os olhos, como se olhasse para dentro. “Quanto mais amor e humor a gente tem no coração, maior a gente fica”, completou vovó, costurando mais um retalho colorido no outro. Dias depois, nasceu um novo dente, e meu sorriso ficou completo de novo. Seria o maior barato se fosse assim, sempre ter uma segunda chance, um segundo nascimento. Papai tem um amigo que dá para contar a quantidade de dentes que ele tem no sor-

riso. “Quem esquentar a cabeça é palito de fósforo e, quando sai da caixinha, morre queimado e vai direto para o lixo. Por isso, tomei uma decisão: vou ser feliz assim mesmo”, repete ele, se desdobrando em gargalhadas. E, como ele acha graça de tudo, fica fácil saber quantos dentes ele tem no sorriso. E são poucos, eu já contei. Papai falou para ele cuidar dos dentes não sei quantas vezes. Sou testemunha e até perdi a conta, mas ele não liga e diz que agora é tarde, e não adianta mais chorar pelo leite derramado. Primeiro foram os dentes de leite, que todo mundo perde na primeira infância. Depois foram os outros, que só nascem uma vez na vida. A gente é assim de nascença. O ser humano adulto possui normalmente 32 dentes: 16 na mandíbula e 16 na maxila, aprendi na escola nas aulas de Ciências da Natureza. Eu acho que nunca é tarde para gente se cuidar. Vovó mesma já comprou outros dentes e o sorriso dela ficou branco de novo. Vovô já é mais desligado e até perdeu a dentadura. Vovô contou que foi ao banheiro do restaurante, tirou a dentadura por um motivo qualquer e não se lembra de mais nada. Quando sentiu que estava faltando alguma coisa na boca já era tarde demais. Na verdade, nem tarde era ainda. Meus avós fazem as refeições na hora certa. Mas o certo mesmo é que a dentadura dele não mais estava no lugar. Prometi a vovô que, se encontrasse alguém com o sorriso dele na boca, eu tomaria de volta. Nem que para isso eu tivesse que brigar, mesmo não sendo bom de briga,

coisa que você já sabe. O que ninguém ainda sabe é que nunca encontrei esse alguém. Não, porque, de uma hora para outra, as pessoas passaram a usar máscara cobrindo a boca e o nariz, por causa da pandemia do novo coronavírus. “O sorriso da gente é único e singular. É a nossa outra identidade”, disse vovô. E depois de um comprido silêncio, continuou: “Mas cuide-se, meu neto, identidade também se perde e a segunda via nunca é igual à primeira”. Quem é de pouca prosa e de pouco sorriso é o meu amigo. Aquele, que você conhece e que perdeu a hora brincando de bola comigo. Desconfio que ele herdou da família dele essa cara de pouca graça. Não tenho coragem de perguntar aos pais dele porque eles são daquele jeito, sem jeito, sem açúcar, sem sal. Insossos mesmo, essa é a verdade. Eles não sabem que a vida é igual a comida, tem que ter tempero. E o tempero da vida é receita que não vem pronta e acabada em livro nenhum. “O tempero de tudo depende de quem tempera”, completou vovó, tirando a mesa do jantar. O livro de receitas de vovó está com as páginas amareladas de tempo. Mas toda vez que ela põe a mesa, eu peço mais, e vovó faz tudo de novo, seguindo a receita. Acho que vovó aprendeu a fazer essas gostosuras com Tia Nastácia do Sítio de Dona Benta. Não sei se o sítio ainda existe no mundo imaginário das crianças. As reinações hoje em dia são outras. Só sei que os dias nunca são iguais. As noites também não são iguais. Noites são feitas de sonhos. “Ninguém nunca me sonhou”, re-

clamou meu amigo. Sonhar também se ensina, sonhar também se aprende, eu sempre falo para ele. “Sonho que se sonha só é apenas um sonho que se sonha só. Sonho que se sonha junto é realidade”, continuou mamãe, lavando os talheres, enquanto eu e meu amigo segredávamos segredos no quarto de dormir. Meu amigo vive me contando pesadelos de noites maldormidas. Será que tem alguém roubando os sonhos dele?



Minha irmã é um caso fora de sério. É isso mesmo, estou falando sério, eu tenho uma irmã e estou dizendo somente agora. “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”, cantarolou mamãe, guardando no fundo da gaveta meus soldadinhos de chumbo. Minha irmã é mais velha que eu e não vive sem os óculos. De repente, você também usa e vive andando por aí, detrás de uma janela de vidro. Quase nunca li uma história na qual o vovô ou a vovó não usassem óculos. “Quem não tem colírio, usa óculos escuros”, arrematou vovó, com os óculos na ponta do nariz, alinhavando os pontos. Uns óculos são como fundo de garrafa, outros nem tanto. Mas tanto faz, a gente vê o mundo do jeito que a gente se vê. Minha irmã, nova daquele jeito, não vive sem os óculos de grau. Sem eles grudados na cara, ela não enxerga nem um palmo diante do nariz. E ela vive reclamando do nariz entupido, ou escorrendo feito rio, basta o tempo mudar. E o tempo muda tudo o tempo todo. “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois, quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas e o próprio ser humano já se modificou”, filosofou vovô, limpando os óculos embaçados. Minha irmã praticamente só tira os óculos para dormir. E nessa hora eu entro no quarto dela e na história que agora vou contar, resumidamente. Entro sorrateiro que nem gato, pisando macio e leve. Quando acorda e não acha os óculos, minha irmã abre a boca pedindo socorro. Para não levantar suspeitas, eu escondo os óculos em algum outro lugar do

quarto, e começo a procurar, só que de faz de conta. O mesmo faz de conta com que Emília resolvia as aventuras no Sítio do Picapau Amarelo. Criatura esperta e cheia de prosa como aquela boneca de pano está para nascer de novo. “Quem planta vento, colhe tempestade”, disse vovó, recolhendo os pedaços de retalho levados pela ventania. Esconder e achar os óculos da minha irmã virou a minha brincadeira preferida. Brinquei até aquela noite que daqui a pouco vou contar como tudo terminou. Minha irmã jurava que tinha ido se deitar com os óculos e ainda dizia que, sem eles na cara, o mundo para ela teria que ter sido escrito em braile. Mas ninguém acreditava nela. Ela é a pessoa mais avoada que conheço e vive perdendo as coisas: brincos, anéis, pulseiras, chaves, documentos, máscaras, celulares. Só não perde a cabeça, porque está colada no pescoço, eu ainda tirava onda da cara dela. O dia que minha irmã perdeu o celular, e nisso não tenho culpa, já vou logo avisando, foi como se ela tivesse perdido a ligação e a conexão com o mundo. Ela entrou em parafuso, ficou desbaratada, até fiquei com pena dela. Até que um dia, ou melhor, uma noite, a coisa ficou feia para o meu lado. Fiquei de olho na minha irmã e, quando ela foi dormir, fui mais uma vez aprontar. Quando eu estava com os óculos na mão, ela me agarrou pelo braço com as unhas vermelhas e pôs a boca no trombone. Fiquei paralisado, sem saber se ela fingia que dormia, ou se realmente tinha perdido o sono. Quando vi na porta do quarto papai e mamãe de olhos

arregalados e cabelos desalinhados, também fiquei cego e minha cara foi ao chão. Eu me senti o pior irmão do mundo, confesso. E o pior de tudo foi que, daquela noite em diante, minha irmã começou de perder os óculos de verdade. E aí, como você já adivinhou, sempre sobra para mim. “Quem tem fama, deita na cama”, diziam todos. Não sei se é por vingança que ela faz isso comigo, ou se é por descuido mesmo, por saber que daquela noite em diante a culpa ia sempre cair sobre os meus ombros. E aí, eu não acho graça nenhuma. Nessas horas, eu perco o sono e sinto na pele o que o meu amigo sente na carne. Meu amigo tem mais osso que carne de tão magricelo que é. Acho até que eu fico parecido com ele, com os ombros encurvados e com cara de poucos amigos. “O que se faz aqui, aqui se paga, com juros e correções monetárias”, disse vovó, tentando colocar mais linha na agulha. “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus”, sussurrou vovô, sentado na cadeira de balanço em momento de oração. Difícil mesmo é ter alguém te apontando o dedo na cara e te culpando por coisas que você não fez. No meu caso, não fazia mais. Assumo os meus erros passados, mas quero fazer valer o meu presente. “O passado é uma roupa que não nos serve mais”, já cantou o poeta. Mas, na minha casa, parece que ninguém ainda ouviu essa canção.

Mamãe não gosta de ouvir que ela também perde as coisas, como todo mundo está sujeito. Ela bate o pé e diz que não perde e, sim, guarda. Guarda tudo tão bem guardado que até esquece onde guarda. Guardar, por coincidência ou não, é o poema preferido de mamãe. Esse, ela guarda de cabeça. Guarda na ponta da língua e no fundo do coração. “Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. Em cofre não se guarda coisa alguma. Em cofre, perde-se a coisa à vista”, declama mamãe os versos memoráveis do poeta. Já cansei de dizer para ela que perder alguma coisa é normal. Esquece até que perdeu. Mamãe guarda tudo tão bem guardado que para achar é um deus nos acuda. Só mesmo um milagre, confesso. Ainda bem que milagres acontecem. “Quando nada acontece, há um grande milagre acontecendo que não estamos vendo”, disse minha irmã, relembrando o poeta da Cidade do Coração. Quando mamãe perde alguma coisa, ou melhor, não se lembra de onde guardou — é assim que ela fala —, é um tal de São Longuinho, São Longuinho, São Longuinho. Até aprendi a dar três pulinhos com mamãe, não de pular corda, brincadeira que quase não se brinca mais, mas de ver mamãe dando pulinhos pela casa. Mamãe deve ter aprendido a dar três pulinhos com alguém, que aprendeu com outro alguém, que aprendeu não sei com quem. “A fé popular se responsabiliza por criar suas próprias narrativas”, explicou vovô. Quando encontra o que procura, mamãe fala de boca cheia que não tinha perdido e sim guardado a sete

chaves. E quando não encontra, diz que ainda vai lembrar onde guardou. “Sete é o número místico da perfeição”, lembrou papai, tirando onda da situação. Papai ainda não fez o débito automático das contas e, pelo andar da carruagem, não irá fazer, já antevejo o final dessa história. Um dia, falei para mamãe que esquecer é uma forma de se perder dentro da gente. Mamãe me olhou nos olhos e disse que lembra de mim o tempo todo. Que eu sou e sempre serei a razão da vida dela, eu e a família toda. Minha família é grande, mas o amor de mamãe é infinitamente maior. “Amor não se mede. Amor a gente sente”, disse mamãe, me guardando dentro de um abraço. De repente, não mais que de repente, estávamos falando de sentimento. “A coisa mais fina do mundo é o sentimento”, continuou minha irmã, com o livro de poesia na mão. Um dia, vou perguntar à mamãe onde ela guardou o meu dente de leite, aquele, o primeiro que perdi. Os outros, eu mesmo joguei fora. Alguns outros, nem vi onde foram parar e nem quero saber. Seria o mesmo que procurar uma agulha no palheiro. Já imaginou a trabalhadeira? Quando dei por eles, já não mais estavam no lugar e lá estava eu com mais uma janelinha aberta à espera de um novo morador, que nasceria no lugar, ou fora do lugar. A vida nem sempre segue alinhada, repito. E se mamãe não mais encontrar o primeiro dente de leite que perdi na primeira infância? Quantas infâncias a gente tem? Eu queria ter infância a vida toda, tipo Peter Pan. Se mamãe esquecesse o que sente por mim, como

esquece onde guarda as coisas, desconfio que eu ficaria igual ao meu amigo, cabisbaixo e cheio de silêncios. Tem horas que o meu amigo fica numa rebeldia danada. Ele fecha a cara e quando abre a boca é para dizer bobagens e besteiras. Eu já disse a ele que falar o que sente, do jeito que a gente sente, é sempre muito bom. “Fala é maneira de cura. Quem fala confirma o poder da palavra”, reforçou papai, repetindo os versos musicados. O meu amigo já me chamou de psicólogo mirim. Ele é assim, tem momentos de humor, momentos raros, raríssimos, diga-se de passagem. A vida é o que se vive, ou se deixa de viver, por medo de sair da linha. E não temos tempo a perder. “Quem anda nos trilhos é trem de ferro, sou água entre as pedras”, recitou minha irmã os versos do poeta. O tempo é casa da vida. E o tempo é infinito, nem principia nem acaba. Ora sentimos que vamos explodir de tantas emoções, ora a vida anda frouxa, ao sabor do vento, se vento houver. Sinto tempestades dentro de mim, eis a previsão do tempo presente. Quando se é criança, a força do adulto é maior. A força física, é claro, porque a imaginação da criança é infinitamente maior. O adulto vê o mundo de cima para baixo, a criança, de baixo para cima, por isso ela vê o infinito, e infinitamente mais longe. “Se criança governasse o mundo, sabe o que ele seria? Uma bola de brincar”, já disse o artista Marcelo Xavier.

O AMOR NÃO
SE MEDE



O AMOR
SE SENTE

Um dia entrei esbaforido na sala de aula e fui logo avisando que estava atrasado. Não vai me dizer que você nunca perdeu a hora. Pense bem, porque mentira faz o nariz crescer. A professora parou na hora de escrever no quadro branco a lição do dia e me deu bom-dia. A palavra que ela escrevia no quadro branco, que não mais estava em branco, ficou partida ao meio, feito fruta madura no café da manhã. E, porque já estava atrasado, nem café da manhã tomei naquela manhã encolhida de frio. A sala inteira tentou adivinhar a palavra que a professora escrevia. E não é que ela estava escrevendo a palavra atrasado, só que dentro de outro contexto histórico, político e social que só compreendi melhor tempos depois, estudando a história dos países do chamado Terceiro Mundo. Eu achei a maior coincidência e fui sentar nos fundos da sala, no último lugar que me restou. Na minha sala de aula, cada um tem o seu lugar, mas, quando se atrasa por um motivo qualquer, perde-se o lugar. Uma regra criada pela professora com a turma. E combinado não sai caro, já diz o ditado popular. Quando cheguei em casa, mamãe chamou minha atenção e foi logo dizendo para eu ser mais pontual e cumpridor dos meus horários e deveres. Quanto à coincidência que contei, não achou graça nenhuma. Mamãe e papai só se importam com o que é realmente importante. Naquela mesma noite, mamãe colocou na cabeceira da minha cama um despertador. Ela não me disse nada, mas entendi tudo. Depois disso, quase nunca mais perdi a

hora. Nunca é tempo demais, verdade seja dita. Com mamãe e papai é assim, se erro, eles me corrigem. “Dar limite é uma forma generosa de amar”, explicam os dois. Se acerto, elogiam. “Reforço positivo é sempre bom”, repetem. Meu amigo, que você já conhece de tanto ouvir dizer, estuda na mesma sala que eu. Ele nunca se atrasou, sou testemunha, logo, nunca perdeu o lugar na sala de aula. Meu amigo só se atrasou para chegar em casa aquele dia, brincando de bola comigo, lembra? A bola de futebol que achei na rua e que não era nem nova nem velha nem bonita nem feia. Bola é bola, e bola para a frente, ou para trás, ou para o fundo da rede, ou para o alto, como fiz, dando um bicudo. E aí, deu no que deu, embolou o meio de campo e a coisa ficou feia para o lado dele. Até sobrou para mim, quando quis ser o juiz da partida e justificar o atraso. O meu amigo é o primeiro a entrar dentro de sala e o primeiro a sair. Mas ele só sai de sala quando bate o sinal. “Resposta condicionada”, explicou minha irmã, estudiosa da psicologia da aprendizagem. Da mesma forma que não se atrasa para chegar, ele não se atrasa para sair. Ele é de uma pontualidade britânica. “Os ingleses levam muito a sério a questão da hora marcada e não toleram muito bem os atrasos. Dizem que o responsável por tal pontualidade é o Big Ben”, explicou vovô, espiando o tempo na lonjura da distância. O meu amigo achou o fim do mundo eu ter perdido a hora. Tanto encheu a minha paciência, o saco mesmo, me desculpe o palavreado chulo, que eu

quase perdi a cabeça e soltei os cachorros e os outros bichos todos que alimento em mim, mas não perdi o amigo. Amigo também se perde, se você não cuidar bem da amizade. Na minha escola, a diretora não se cansa de consolar os estudantes que a procuram chorando e dizendo que o amiguinho não quer mais ser amigo. Meu amigo nunca fez isso comigo, nem eu faço com ele, nem de brincadeira. E basta a diretora conversar com a criançada que a amizade volta, como que num passe de mágica. E mágica ela não é. O nome disso é sabedoria de enxergar o mundo com olhos de criança. “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, lembrás do Pequeno Príncipe? Sabedoria de gente grande. Eu contei até dez e disse para ele procurar pelos minutos que eu perdi e que, se ele encontrasse o tempo perdido, fazendo hora na esquina, não precisava me devolver. Pela primeira vez parei para pensar nessa coisa de alguém perder a hora. Se as pessoas vivessem em busca do tempo perdido, e quisessem aproveitá-lo novamente, os ponteiros dos relógios teriam que andar para trás. Mas o tempo só anda para frente.

Vovô não usa relógio hora nenhuma, nem do dia nem da noite. Nem para passear, nem para ficar em casa. Vovô não usa mais relógio não porque perdeu o dele e ficou sem. Vovô perdeu um dia foi a dentadura de dentes de ouro, lembra? E o jeito foi comprar outra, igualzinha, na mesma medida e na mesma mordida. Relógio a gente também compra outro igual, se quiser e se puder. Preço, depende do apreço. Vovô não usa mais relógio porque não suporta carregar o tempo marcando no pulso esquerdo o pulsar silencioso da vida, e ter um lado mais pesado que o outro. “Carrego meus mortos do lado esquerdo, por isso caminho de banda”, recitou vovô os versos do poeta de Itabira. “Uma mão trabalha mais que a outra. E, juntas, aceitam as manchas dos anos, como solteironas que envelhecem juntas”, arrematou vovó, de mãos dadas com vovô e com o livro de Ana na outra mão. Depois de velho, vovô aprendeu a viver a vida livre, leve e solta. Voltou a ser criança. “O bom mesmo seria a gente nascer velho — cheio de experiências e sabedorias — e ir meninando devagar, sem pressa alguma de crianser e criança”, continuou vovô sorridente, aumentando as marcas do tempo no sorriso de ouro. O relógio de vovô ficou parado no tempo, guardado na gaveta de vovó, misturado entre linhas, agulhas, carretéis, alfinetes, tesouras, fuxicos, retalhos coloridos. Não sei que horas ele marca, mas em alguma hora do dia ou da noite, em algum outro lugar do mundo, ele marca a hora certa. Mas isso não importa. O

importante mesmo é que vovô não parou de dar cordas e linhas nas minhas fantasias de menino. Menino maluquinho, confesso que sou de vez em quando. Vovô parece que tem um baú de histórias guardado dentro dele. Memórias afetivas, ele conta. Vovô me contou um dia que um amigo antigo dele perdeu a memória de uma hora para outra. Não tive coragem de perguntar se ele encontrou a memória perdida. “Há uma diferença entre perda de memória leve, devido ao envelhecimento normal e perda de memória progressiva e extrema, devido a doenças”, explicou vovô, espiando meu espanto e preparando a receita do dia. Vovô tem mesmo memória de elefante, reconheço. “Os elefantes conseguem memorizar exatamente os locais por onde passam, mesmo após percorrer distâncias enormes”, disse papai. Vovô conta tudo com tanta emoção e desembaraço que chego a pensar que foi ontem que tudo aconteceu. Minha irmã, fazendo tromba de elefante, diz que as histórias que vovô me conta e reconta não têm nem pé nem cabeça e que não passam de conversa para boi dormir. Bois, vacas, bezerros, cabras, bodes dormem deitados. Cavalos também podem dormir. Mas isso só acontece ocasionalmente. Eles só deitam quando se sentem protegidos e em local seguro na companhia de outros cavalos, que podem zelar pela segurança deles, aprendi na escola, nas aulas de Ciências da Natureza. Não me lembro de ter visto cavalos deitados. Os tempos andam mesmo muito incertos e perigosos, desconfio. Mas, dependendo da história que vovô me

conta e reconta, quem às vezes perde o sono sou eu. Sono também se perde, repito, e com ele vão os sonhos que só sonhamos de olhos fechados. De olhos abertos, nem sempre vejo mais e mais longe, volto a repetir. Minha irmã morre de ciúmes quando me vê jogando conversa fora com vovô, mas isso ela não admite. Ela fala que gosta é de descobrir o que tem guardado dentro dos livros, essa caixa mágica. Minha irmã sempre repete que ler é entrar em outros mundos, sem sair do lugar, e voar fora das asas nas páginas da vida. Lembro-me ainda hoje de que, quando vovô me contou pela primeira vez a história da mula sem cabeça e do saci-pererê, eu senti um frio danado na barriga e fiquei com uma pulga enorme atrás das orelhas. Uma não, várias. Eu fiquei curioso para saber em que lugar exato a mula sem cabeça tinha perdido a cabeça e o saci-pererê perdido uma das pernas. Não me lembro exatamente de qual, se a direita ou a esquerda. Por um acaso, você sabe de cabeça? Sem saber direito onde procurar pela cabeça da mula sem cabeça e pela perna do saci-pererê — a direita ou a esquerda? —, peço a vovô para me contar tudo de novo. E toda vez que vovô me conta e reconta a mesma história, ela me parece diferente. “Quem conta um conto, aumenta um ponto. E a história vai crescendo para os lados, igual a uma colcha de retalhos”, disse vovó rodeada de retalhos coloridos. “Eu adoro aqueles três pontinhos que insistem em dizer que nada está fechado, que nada acabou, que algo sempre está por vir”, decla-

mou minha irmã, saindo em reticências da janela lateral do seu quarto de dormir e com os óculos na cara. Por isso, sempre peço mais, e vovô conta tudo outra vez, de um jeito que é só dele, e a história vai ficando diferente. Diferente da receita de vovó que, por ter o mesmo gosto gostoso de sempre, eu também peço mais. E vovó faz, seguindo a receita, passo a passo. Vovó também sabe as receitas de cabeça. Ela também tem memória de elefanta, já provei e aprovei. As receitas que não sabe, vovó inventa na hora e fica da hora. E, mesmo assim, ela guarda com todo cuidado do mundo o livro amarelado de tempo. “Herança de família não tem preço, tem apreço”, explica vovó com a mão na massa. Agora que cresci e não sou mais criança — mas também não sou adulto —, vovô me conta outras histórias. Mas ainda não desisti de encontrar a cabeça da mula sem cabeça, nem a perna do saci-pererê. A direita ou a esquerda? Continuo sem saber. Quando contei isso ao meu amigo, ele me disse que eu já procurava chifres em cabeça de cavalo desde menino pequeno. Se procurava, não encontrei, até hoje. E você, já viu esse bicho solto por aí? Hoje, vi uma formiga ajoelhada na pedra, enquanto eu escutava a cor dos passarinhos, parafraseei o poeta, fazendo o verbo pegar delírio e acendendo um poema no outro.

Se tem quem perde, tem quem acha. Simples assim, complexo assim. Você já parou para contar a quantidade de cartazes espalhados pelas ruas das cidades, colados nos postes, nos muros, nas portas e portões de tudo quanto é lugar, com um procura-se de todo tamanho? Procura-se cachorro, procura-se gato, procura-se passarinho, procura-se isso e aquilo. Procura-se até gente. Há meninas e meninos abrigados que procuram pai, procuram mãe, procuram família. Há mães e pais que buscam desesperadamente pelos filhos desaparecidos. “Um filho desaparecido é um filho que morre todos os dias, sem nunca morrer”, disse mamãe, fechando o livro. Alguns, a recompensa é feita em dinheiro. Nunca encontrei nada que tivesse sido procurado com anúncios e recompensas materiais. Eu devolveria sem pedir nada em troca, se achasse. Quer recompensa maior que ver a alegria de quem perdeu ao receber de volta o que tanta procurava? Nunca me devolveram os guarda-chuvas que perdi, mas também nunca procurei por eles direito. E você, já encontrou? Eu encontrei um dia foi a bola de futebol jogada no canto da rua, lembra dela? Não consigo imaginar alguma coisa perdida, procurada e nunca encontrada. Nunca é sempre tempo demais. Quem perde, tem sempre a esperança de um dia encontrar. “Há coisas que a gente torce para perder e nunca mais encontrar, os quilos acima do peso”, atravessou mamãe a conversa, saindo para a caminhada do dia, e mudando radicalmente o sentido e o rumo da prosa.

Numa manhã de domingo, prontos na estação, papai achou uma mala. Estávamos indo viajar, agora não me lembro exatamente para onde, nem o que levávamos na bagagem. “A viagem mais distante é a que fazemos para dentro de nós mesmos de mãos vazias”, filosofou papai. Papai entregou a mala nos Achados e Perdidos, nos fundos da estação. Eu nunca tinha ido a um lugar assim, aberto somente para coisas perdidas e achadas. Nem sabia que existia esse tipo de lugar perdido na cidade. Quando entrei, fiquei abismado, perplexo mesmo. Havia um mundo de coisas perdidas e achadas à espera do dono. Eu vi de tudo um pouco e um pouco mais. Coisas novas e usadas guardadas na poeira do tempo. Coisas de valor e sem valor material. O valor afetivo não dá para calcular só de um ponto de vista. “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”, comentou papai, observando meu espanto. Às vezes, para você, uma coisa não passa de um simples “ador-no”, mas para quem perdeu, é incalculável “a dor no” coração. “A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós. Por isso que um osso é mais importante para o cachorro que uma pedra de diamante”, continuou papai, me guiando pela mão, a caminho da plataforma de embarque. “Chegar e partir são só dois lados da mesma viagem”, cantarolei no pensamento, seguindo o destino. Quem perde, às vezes nem sabe onde procurar, ou só descobre que perdeu quando lembra, ou quando precisa usar. E aí, pode ser tarde demais. Igual ao

que aconteceu comigo, lembra dos meus guarda-chuvas? Mamãe também perdeu a conta de quantas sombrinhas já perdeu, mas isso ela não conta. Logo compra outra e pronto, mesmo dizendo que depois vai lembrar onde guardou. Se ela se lembra, não me lembro. Eu só lembrei do meu guarda-chuva naquele dia, quando a chuva começou a cair sobre a cidade. E de nada adiantou eu correr e me esconder debaixo das marquises. Da próxima vez, se houver amanhã, e amanhã será sempre outro dia, vou correr com os pingos de chuva, já que vou me molhar do mesmo jeito. Achei muito legal a ideia dos Achados e Perdidos. Será que há achados e perdidos de memórias? Lembra do amigo antigo de vovô? Ele perdeu a memória e não sei se encontrou. Será que se vive sem memória, sem saber quem é? “Quem sou eu e quem é você nessa história eu não sei dizer” cantarolou mamãe, cuidando das tarefas de casa. Só sei que quem acha também vive um dilema. Se tiver nome, endereço, telefone, e-mail, MSN, Faceboock, WhatsApp, Instagram fica fácil localizar o verdadeiro dono. Basta vontade de fazer a coisa certa na hora certa. Mas, se não tiver nada disso, o que fazer? Ficar como se fosse da gente? “Não devolver o objeto achado é errado de qualquer maneira”, já disse vovó. Ou simplesmente deixar onde está, como se não tivesse achado? A bola que eu achei, se ela não tivesse furado, eu a entregaria num desses lugares. Será que quem perdeu a bola — há brinquedos que não nos servem, não se esqueça disso — procurou por ela nos Acha-

dos e Perdidos? Quando falei com papai que gostaria de comprar uma bola e entregar num dos Achados e Perdidos, perdidos pela cidade, com um bilhete dizendo que era para aquela criança que tinha perdido uma bola, ele me deu um beijo na testa. Naquela hora, e naquele lugar, sem lugar — toda estação é um lugar que nos leva a outro lugar —, eu testemunhei o quanto papai se orgulhava de mim. Quando contei isso ao meu amigo, na semana seguinte, ele me deu um abraço apertado e ficamos com o coração meninando dentro do peito.

TODO PONTO
DE VISTA



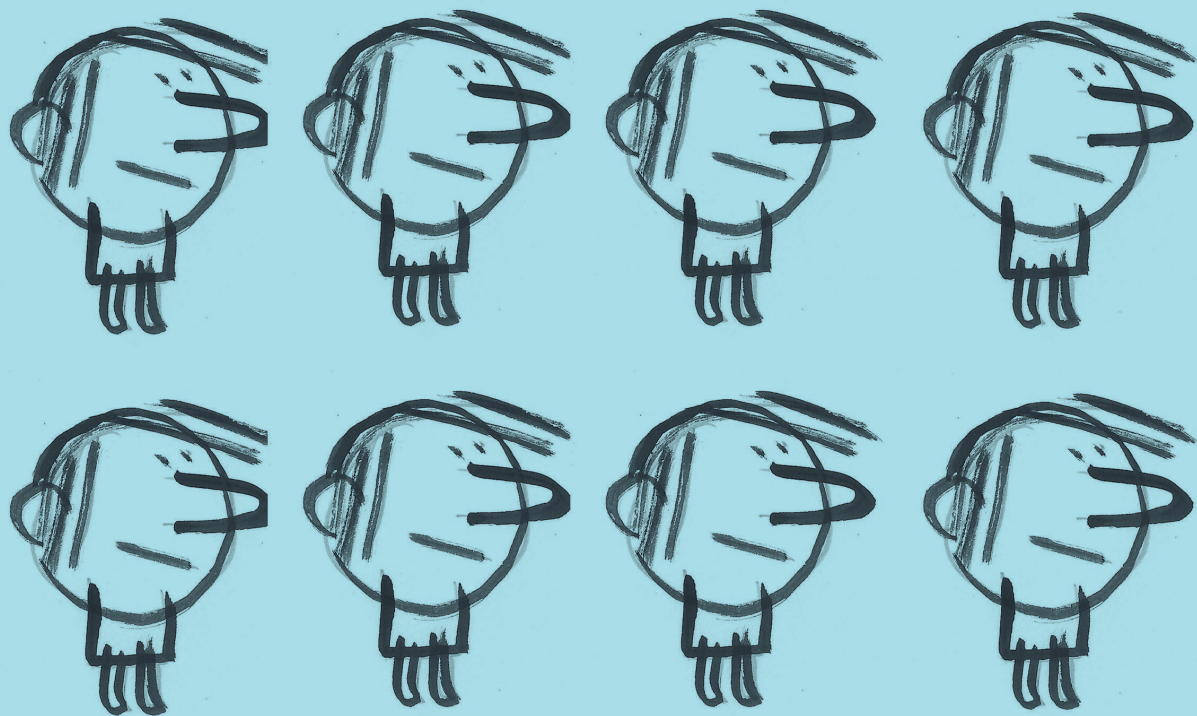
É A VISTA
DE UM PONTO.

Na minha escola não tinha um lugar dedicado aos achados e perdidos. Os achados ficavam perdidos pela escola, a deus dará, de mãos em mãos, de lugar em lugar, sem lugar. Depois daquele dia, conversei com o representante de turma e ele achou a ideia muito boa. O representante de turma conversou com a professora e ela também achou a ideia muito boa. A minha professora conversou com a coordenadora pedagógica e ela também achou a ideia muito boa. A coordenadora pedagógica conversou com a vice-diretora e ela achou a ideia muito boa. A vice-diretora conversou com a diretora e ela também achou a ideia muito boa. A diretora conversou não sei com quem. Chega de conversa para boi dormir. Boi dorme deitado, já falei. Uma boa ideia, passada de boca em boca, tem que ir para o papel e sair do papel. “Chega de lei só para inglês ver”, completou o representante de turma, se levantando no meio da sala. O Achados e Perdidos da minha escola passou a viver cheio de tudo quanto é coisa. Há coisas perdidas que ficam esquecidas o ano todo. O dono não aparece nunca e, nesse caso, o jeito é passar de sala em sala procurando pelo dono. Quando não encontra, o outro jeito é fazer um bota-fora nos dias de reuniões de pais, ou assembleias escolares. Os livros, as agendas e os cadernos são mais fáceis de encontrar o dono, porque têm nomes, ou deveriam ter. Isso vem de casa e se reforça na escola. Colocar o nome do estudante, dos pais, ou responsáveis, da professora, telefones de contato et ecetera e tal.

Com tanta informação assim, difícil mesmo é não encontrar. Mas quando o perdido e achado é dinheiro, moeda ou nota, é confusão na certa. Às vezes, uma mesma moeda é disputada por duas ou mais crianças. E não é nada justo resolver o problema de maneira fácil, tirando cara ou cora. O mesmo acontece com o uniforme escolar. Às vezes, uma mesma blusa, ou bermuda, ou calça é disputada por dois ou mais estudantes de tamanhos iguais e pais diferentes. Um dia, uma mãe muito nervosa disse que ia escrever o nome do filho no uniforme escolar, para evitar confusão e mal-entendidos. “Uniformizar dá nisso, todo mundo fica muito parecido, um igualzinho ao outro, só muda de tamanho”, disse a mãe muito brava. “Uniformizar tem o seu lado bom, ninguém fica parecendo melhor que ninguém”, justificou a diretora da escola, tentando colocar um pouco de ordem na bagunça. Mas o uniforme só torna as pessoas iguais por fora. Por dentro, no jeito de pensar e ver o mundo, elas continuam pluriformes, ou deveriam continuar, penso eu. Se bem que há pessoas que vestem o uniforme ao avesso. Vestem-no de dentro para fora e, aí, elas aprendem a ver a vida e a pensar o mundo da mesma forma que o outro, que também veste a camisa. “Camisa de força”, disse vovô. “Camisa ideológica”, arrematou vovó. Efeito manada, pensei comigo mesmo, já sem uniforme escolar. Ter pensamento uniforme é perigoso. A história, até onde estudei e compreendi, está cheia de exemplos que não são bons exemplos. Ser diferente é normal,

essa é a diferença. Imagine a sem graça que seria se todos fossem iguais a você. “Ser tudo igual é característica de azulejo na parede e, mesmo assim, há quem misture. E como fica bonito”, disse papai, lembrando o poeta. “Mais que mesmice, ser tudo igual é chatice”, continuou minha irmã, fazendo rima. Um dia, meu amigo me disse que seria o menino mais feliz do mundo se os pais dele fossem iguais aos meus. Os pais são diferentes, falei para ele. “Os filhos e filhas também são”, me respondeu fechando a cara. O melhor é ser feliz assim mesmo, continuei abrindo um sorriso entre nós. “Todas as famílias felizes se assemelham, mas cada família infeliz é infeliz a seu modo”, repetiu minha irmã os versos do poeta. E, como sempre, deu a palavra final, que nem Emília do Sítio do Picapau Amarelo.

MAIS QUE MESMICE



SER TUDO IGUAL É CHATICE

Papai nunca gostou de usar roupas pretas. Mamãe faz questão de usar em qualquer estação, ou ocasião. “A gente sempre fica parecendo mais magra, além de o preto combinar com os dias de alegria e com os dias de tristeza. O preto combina com tudo todo dia”, explicou minha mãe. Minha irmã já gosta de roupas extravagantes e coloridas. E, se deixar por conta dela, curtas e decotadas. “Bonito é se mostrar, do jeito que se é”, disse minha irmã, mudando o verbo de lugar e fazendo a diferença. Eu nunca me preocupei com essas coisas. Qualquer roupa me veste, ainda que de vez em quando me sinta nu. Mas sempre tem aquela roupa que a gente veste mais, ou por ofício, ou por ócio, tipo uniforme de escola, uniforme de trabalho, pijama de dormir, roupa de ficar em casa. De tanto que usamos, elas ficam puídas e o jeito é jogar fora. “Ninguém coloca remendo novo em roupa velha, porque o remendo força o tecido da roupa e o rasgo aumenta”, lembrou mamãe os ensinamentos de vovó. Vendo papai vestido de preto, me doeu o coração. “Ela dorme serena o sono eterno”, repetiu mamãe com o coração partido. Papai, lembrando do seu tempo de menino, repetia que vovó foi a melhor mãe do mundo. “Sentimos saudades do que foi precioso”, soluçou minha irmã, abraçando papai com os versos amorosos do poeta. Vovô ouviu aquilo tudo em silêncio e, até o último instante, não se separou de vovó. A cadeira de balanço de vovó ficou parada no tempo, por um bom tempo. Tempo suficiente para papai tirar o luto e

se vestir de branco, a cor preferida dele. E vovô voltar a sorrir. O sorriso de vovô vale ouro, lembra? Agora, as histórias que vovô me conta, ele sempre dá um jeito de colocar vovó no meio, no começo, no meio, ou no fim. Antes, era vovó que enchia de detalhes as histórias de vovô. Eram tantas histórias dentro de uma história que parecia não ter fim a aventura. Igual à colcha de retalhos que ela nunca terminou. “Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma, sem pressa alguma de acabar”, declamava vovó, no silencioso trabalho das mãos, os doces versos da poeta. Mas, agora que vovó morreu, vovô passa a maior parte do tempo falando de vovó. Vovô não aprendeu a conjugar o verbo no passado, quando o tempo presente é vovó. Acho isso a coisa mais linda do mundo. Amar alguém até o fim e ainda depois. Um dia, meu amigo me disse que minha família já era feliz desde o começo. “Será que a felicidade é genética? ”, indagou-me ele, me colocando em saia justa. Meu amigo nunca me contou histórias contadas a ele pelos avós nem pelos pais. Será que eles acham isso uma perda de tempo? “Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante”, já disse o Pequeno Príncipe, livro que todos deveriam ler depois de grandes, eu indico. Tempo também se perde no tempo. “Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou”, cantarolou minha irmã, com o fone de ouvidos. Se a família do meu amigo soubesse aproveitar o tempo presente,

não se contentando a dar presentes para compensar as ausências e brigas, tenho certeza de que ele teria outras histórias para contar. História com final feliz, já que não dá para mudar o começo. E onde será que começa o descomeço de tudo?

Quando o meu bichinho de estimação começou a ficar diferente, fiquei sem chão e sem saber o que fazer naquele dia de cão. A rima não é mera coincidência, já vou logo avisando. É isso aí, eu tenho um cão. Primeiro, falei do meu amigo de escola, que considero um irmão. Depois, falei da minha irmã de sangue. Minha irmã usa óculos e vive perdendo as coisas. Os óculos ela não perde mais, eu já falei. Agora estou dizendo que tenho um animal, que se tornou de estimação e o nome dele é Bidu. Bidu não foi presente de aniversário, nem presente de papai-noel, nem presente do meu melhor amigo, nem presente de amigo oculto. Bidu se fez presente em minha vida por um acaso. Eu encontrei Bidu perdido na rua, igual à bola de futebol que também encontrei, lembra dela? Será que Bidu fugiu de casa? Há animais que fogem de casa, e gente também foge, porque apanham tanto, passam fome, sofrem maus-tratos e, por isso, vão morar na rua. Na vida de rua, um adota o outro. “A amizade entre um morador de rua e um cachorro de rua pode salvar a vida dos dois”, disse papai. Quem vai saber o que Bidu tem para contar? Será que ele saiu para uma voltinha e perdeu o caminho de casa? A verdade é que ele andava solitário, com o rabo encolhido entre as pernas, revirando latas de lixo vazias à procura de comida, ou de alguma outra coisa maior que a fome. “Quem tem fome tem pressa”, já disse o grande mestre da sociologia. Bidu foi o nome que lhe dei. Poderia ter sido outro, mas não foi. Fiquei sem saber se ele já

tinha nome. Sobrenome já é querer demais, não acha? Naquele dia, naquela hora, e naquele lugar, sem lugar, a única coisa que ele tinha e sentia era fome e sede. Com Bidu foi amor à primeira vista. E olha que ele estava magro, sujo, feio, cheirando a cachorro molhado. Não me lembro se chovia naquele dia. O que sei é que até pulgas pelo corpo ele tinha das orelhas ao rabo. Também já fiquei com pulgas atrás das orelhas, lembra das histórias de vovô? Mas bastou comida, carinho, cuidado e amor para Bidu ficar bonito e vistoso. Todos lá de casa aprenderam a gostar dele. Bidu passou a ser o xodozinho de todo mundo, até mesmo das visitas. Era Bidu pra lá e Bidu pra cá. Perto dele, ninguém ficava triste e parado. Uma verdadeira pet-terapia, confesso. Minha irmã, olhando para Bidu e me olhando nos olhos, disse que amar se aprende amando. Desconfiei que ela estivesse apaixonada. Ela negou tudo e, ajeitando os óculos no lugar, disse desdizendo que o verso nem era dela. Para minha surpresa e sossego, ela parou de perder os óculos. As outras coisas, ela continua perdendo, eu vejo de perto. “De perto ninguém é normal”, já disse o poeta baiano. Minha irmã me explicou que o verso era de um poeta das montanhas gerais que entortam as paisagens mineiras. Que diferença faz, pensei comigo mesmo. A poesia não é de quem dela precisa? E por falar em poesia, minha irmã fez um poema dedicado a Bidu. Poesia vira-lata, eu disse a ela, na lata, me desculpe a franqueza. Minha irmã, toda desajeitada, pediu para eu não

mostrar a ninguém. Por isso, eu escondo o poema dela aqui, dentro deste livro:

Cão

Cão faminto

Cão faminto de rua

Cão faminto de rua vira

Cão faminto de rua vira lata

Cão faminto de rua vira lata de lixo

Cão faminto de rua vira lata de lixo vazia

Papai me vendo triste, diante da tristeza de Bidu, me disse para eu não perder as esperanças. “Esperança é um pedaço da gente que sabe que vai dar certo”, completou mamãe o pensamento positivo de papai. A esperança sempre me acompanhou, assim como Bidu me acompanhava serelepe, pra cima e pra baixo. Agora, eu olho para Bidu e ele também me olha. Eu não sei o que dizer, não acho as palavras. “Uso a palavra para compor meus silêncios”, recitou minha irmã os versos do poeta. Quando não estava doente, Bidu fazia festa por onde passava. Bidu não tinha hora certa para latir. Despertador é que vem de fábrica programado para despertar, eu dizia mordendo de raiva, quando alguém mandava Bidu calar a boca de maneira deseducada. Depois do despertador que mamãe me deu, quase

nunca mais perdi a hora, repito. Bidu sabia a hora certa de rosnar e latir para se defender e proteger o território dele. O bichinho que antes me protegia e me fazia companhia agora é protegido e acompanhado por mim. Na minha rua, ninguém nunca procurou por ele. Sorte minha, e dele também, acredito. Ninguém nunca apontou o dedo dizendo que Bidu tinha dono. Nunca vi um anúncio com a foto dele, ainda que em preto em branco, acompanhada de um procura-se de todo tamanho. Parece que nem dono ele tinha. O coitado levava uma vida de cachorro vira-lata. Bicho de estimação deveria ter expectativa de vida maior, eu acho. “A expectativa de vida de um bichinho é muito menor que a dos humanos e encarar a partida deles é a ordem natural das coisas”, explicou vovô. E você, que bicho tem? Meu amigo nunca teve bicho de estimação, mas vivia reclamando que levava vida de cachorro. Sempre falei para ele não perder a esperança. “A esperança é a última que morre”, brincou meu amigo, repetindo o ditado popular. Agora, quando reclama comigo é de coisa boba, por isso, os verbos foram conjugados no passado. Há de haver uma saída, lembra do começo desta história? As palavras têm força. Finalmente, ele agora tem duas casas. No início, a mãe dele parecia ver o mundo com olhos de aquário. O pai parecia viver com cisco nos olhos. Por que nos ensinaram que homem não chora? Há lições que demoramos a desaprender. “Não é fácil raspar as tintas com que nos pintaram”, disse minha irmã, inaugurando uma nova linhagem. Como o tempo cura tudo, vidas foram tomando

rumos. Um lá, outro cá, separados. Bidu também teve a chance de ter um novo lar, um segundo nascimento. Igual a dente de leite, lembra? Dente de leite quando cai, nasce outro no lugar, ou fora do lugar. A vida nem sempre segue alinhada, repito pela última vez, eu juro. E se não corrigir com aparelho ortodôntico, a mordida fica torta, não se esqueça disso. Bidu, quando tinha dentes, roía osso com uma boca tão boa que dava até água na boca. Agora, ele está igualzinho ao amigo de papai, totalmente na banguela. O amigo de papai é feliz mesmo assim. Felicidade também caça jeito. Outro dia, amanhecendo todo azul, perguntei a papai se os bichos vão para o céu depois que morrem. Quando vovó morreu, papai ainda vestido de luto me apontou uma estrela piscando no céu de veludo negro. Meus olhos se encheram de luz no meio da escuridão. Entendi que é preciso nascer todo dia. Depois de suspirar fundo, arrumando o coração dentro do peito, papai me disse que o céu é muito grande e cabe todo mundo. A colcha colorida de retalhos de vovó em noites frias, imaginei o céu estendido sobre a nossa cabeça e senti o corpo todo se aquecer. Papai abriu os braços e ficou mudo. Papai disse tudo. Eu olhei nos olhos de papai e vi o céu colorido de azul claro. E é claro que eu entrei naquele abraço, como quem entra num arco-íris para descobrir o que tem do outro lado.



USO AS PALAVRAS PARA
COMPOR MEUS SILENCIOS



Vencedor
na categoria
INFANTIL

